

Experiência de uma “transposição didática”:

história, cidade e migração em debate.

Vilarin Barbosa Barros¹

Resumo: O trabalho objetiva compartilhar experiências de pesquisa direcionadas para o ensino. Pode ser apresentado, também, como uma manifestação de uma aprendizagem e reflexão na docência; como uma ação de aprender ao procurar ensinar e, ainda assim, um ensinar quando se estabelece o diálogo na tentativa de aprender. Estamos pensando o ensino, a pesquisa e a identidade reivindicada de professor de história, bem como as possibilidades de apresentarmos nossa pesquisa que envolve a temática da: história, cidade e migrações. Como isso se configura no tempo presente? A migração pensada é a de pessoas nascidas em Quixadá, município localizado no sertão central do Estado do Ceará, que emigraram para a cidade de São Paulo e retornaram para sua terra natal entre os anos 1970 e início do século XXI. Pesquisamos os retornados, a migração e, assim, atentaremos para as histórias desses sujeitos e como as cidades aparecem ao analisarmos os documentos deixados na estrada da vida. Trabalhamos com inúmeras fontes, como, por exemplo: entrevistas, canções, cartas e poesias. De quais maneiras podemos tecer essa trama histórica? Como essas fontes e suas múltiplas linguagens podem ser utilizadas em sala de aula? Então, que possamos compartilhar experiências de pesquisa e ensino sobre a temática da migração ao apresentarmos possibilidades de transposições didáticas.

Palavras-chave: Migração; história; cidade; ensino; transposição didática.

Resumen: El trabajo tiene como objetivo compartir experiencias de investigación dirigidas a la enseñanza. Puede ser presentado, también, como una manifestación de un aprendizaje y reflexión en la docencia; como una acción de aprender al buscar enseñar y, aún así, un enseñar cuando se establece el diálogo en el intento de aprender. Estamos pensando la enseñanza, la investigación y la identidad reivindicada de profesor de historia, así como las posibilidades de presentar nuestra investigación que involucra la temática de: historia, ciudad y migraciones. ¿Cómo se configura en el tiempo presente? La migración pensada es la de personas nacidas en Quixadá, municipio ubicado en el sertão central del Estado de Ceará, que emigraron a la ciudad de São Paulo y regresaron a su tierra natal entre los años 1970 y principios del siglo XXI. Investigamos los retornados, la migración y, así, atentaremos para las historias de esos sujetos y cómo las ciudades aparecen al analizar los documentos dejados en el camino de la vida. Trabajamos con innumerables fuentes, como por ejemplo: entrevistas, canciones, cartas y poesías. ¿De qué maneras podemos hacer esta trama histórica? ¿Cómo se pueden utilizar estas fuentes y sus múltiples lenguajes en el aula? Entonces, que podamos compartir experiencias de investigación y enseñanza sobre la temática de la migración al presentar posibilidades de transposiciones didáticas.

Palabras-clave: Migración; historia; ciudad; enseñanza; transposición didáctica.

Experiencia de una "transposición didáctica": historia, ciudad y migración en debate.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é professor assistente na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/ Universidade Estadual do Ceará - UECE. E-mail: vilarin.barros@uece.br

Preliminares

Nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa experiência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. (BENJAMIN, 1994, p. 222-223.)

Que imagens de felicidades hoje nos marcam? Que ares respiramos na contemporaneidade? De quais formas podemos acessar experiências de um passado recente para compreender um “eu” e o “outro”, as relações sociais do presente?

Diríamos, nos apropriando e ao mesmo tempo pegando carona na canção “futuros amantes” (BUARQUE, 1993), de Chico Buarque, que não se afobe não, nada é de imediato, as respostas para as questões mencionadas acima talvez estejam mesmo no fundo de armários e baús cuidadosamente guardados, e nós, mais parecendo um escafandrista desejamos explorar uma cidade submersa, entrar em sua casa, em seu quarto, pensar em você e nos sentidos possíveis de suas coisas, de sua alma desvãos. E assim, como os sábios da referida canção, tentaremos “decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos, vestígios de estranha civilização” (BUARQUE, 1993).

Porém, nesse contexto de análise, como pensar o ensino de história? Ou seja, para que serve ensinar história hoje?

Em uma primeira resposta diríamos: “os estudos de história possibilita ampliar os estudos dos problemas contemporâneos” (MANOEL, 2004, p. 70). Especificamente no tocante a questões que impedem a constituição de uma cidadania plena, possibilitando reivindicações de promoções de equidades assim como o reconhecimento da “dimensão histórica” (MAGALHÃES, 2009, p. 176.) de diferentes grupos e sujeitos. Ele serve também para nos tirar do isolamento do presente e para refletir sobre um outrora que bem pode saturar o agora.

Contudo, ao refletirmos sobre trilhas e atalhos possíveis de serem construídos e seguidos no ensino de história, pensamos modos de fazer, de ensinar e educar através de uma experiência de trabalho de “transposição didática” (GABRIEL, 2002) desenvolvido na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/ UECE) em Quixadá - CE. Quanto ao conceito de transposição didática, usamos para pensar e explicar uma mudança, uma produção de conhecimento que salienta um processo eminente de transformação. Assim, se de um lado, o termo transposição pode não traduzir bem “a ideia de transformação, que ele pretende nomear, de outro, tem o mérito de pressupor, logo de saída, o reconhecimento de um distanciamento obrigatório entre os diferentes saberes” (GABRIEL,

2002, p. 4), reconhecendo dessa forma as particularidades dos saberes praticados na universidade e na escola básica. Ou seja, portando tais pressupostos teóricos o exercício inicialmente proposto no primeiro semestre de 2007² foi o de reorganizar didaticamente, transformar os escritos monográficos visando sua utilização nas salas de aula do Ensino Básico. E, nesse sentido pensamos nas condições fundamentalmente impostas pelos imperativos didáticos ao elemento saber que consistem “na sua transformação para que ele possa se tornar apto a ser ensinado” (GABRIEL, 2002, p. 3). Todavia, como pensar na arte de ensinar nas escolas de Ensino Fundamental e Médio exercitando a arte de escrever, de enredar, transformando o texto monográfico em texto Didático?

Uma semente deveras fora plantada no ano de 2007; em 2008 fora germinado, mas, uma monografia intitulada: “Relatos de experiências dos quixadaenses na cidade de São Paulo: migração e os significados do cotidiano em questão (1980-2001)” (BARROS, 2008.); já em 2011 o fruto gestado e colhido dessa vez era a dissertação de mestrado: “Nos rastros de uma migração Quixadá (CE) –São Paulo: representações, memórias e sensibilidades (1973-2001)” (BARROS, 2011). As pesquisas de graduação e mestrado nos possibilitaram acessar as memórias dos migrantes quixadaenses expressas tanto nas entrevistas cedidas quanto nas correspondências que nos foram doadas. Acessamos também outras fontes e linguagens ao rastreamos a vida desses migrantes, como manuais ensinando escrever cartas, algumas canções e poesias. E é exatamente portando tais experiências, saturados por agora e por outras, que retomamos de forma mais maturada o projeto de escrita, semeado no ano de 2007.

E mais, se nessa conjuntura aprendemos que a linguagem é uma “forma pela qual homens e mulheres expressam ideias, sentimentos e comportamentos diversos” (SOUSA, 2010. p. 21), são elas que acessaremos em nossa transposição didática para refletirmos sobre possibilidades de debater em sala de aula os sentidos diversos dos rastros deixados em uma migração, assim como, de sujeitos históricos, de suas memórias cidadinas, identidades constituídas, de suas ações. Começamos por fragmentos de uma canção...

História, cidade e migração

Mande notícias do mundo de lá/ Diz quem fica
Me dê um abraço/Venha me apertar/Tô chegando

² Tal exercício fora proposto na disciplina de Tópicos Especiais III do curso de História em Licenciatura Plena (FECLESC/UECE), ministrada pelo Prof. Ms. Manoel Alves de Sousa.

Coisa que gosto/É poder partir
Sem ter plano/ Melhor ainda
É poder voltar/ Quando quero
Todos os dias/ É um vai e vem
A vida se repete/Na estação
Tem gente que chega/Pra ficar
Tem gente que vai/Pra nunca mais
Tem gente que vem/E quer voltar
Tem gente que vai/ E quer ficar
Tem gente que veio/Só olhar
Tem gente a sorrir/E a chorar

E assim chegar e partir/São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega/É o mesmo trem da partida
A hora do encontro/É também despedida

A plataforma desta estação/É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar/ É a vida. (BRANT; NASCIMENTO,1999)

Ao considerarmos as canções como documentações “com grande potencial para a revelação de subjetivação de sentimentos” (MATOS, 2005, p. 30-31) refletimos sobre modos de usá-las em sala de aula, assim como, sobre o simbólico que envolve, especificamente, a música supracitada e, dessa forma, passeando por cada estrofe somos conduzidos a reflexões sobre a nossa temática.

Dito isso, pensamos a história de migrantes que sentem saudade e mandam notícias de um mundo, de cidades que se fazem distantes de sua terra natal. Deparamos-nos com sujeitos errantes que gostam também de partir sem ter plano e voltar quando querem. Observamos um ir-e-vir que se repete na estação, numa dinamicidade de “ser moderno” (BERMAN, 2007, p. 25) marcado por sabores e dissabores que enovelam histórias de uma migração. Imaginamos os protagonistas dessas histórias: uns que vão e querem ficar, sujeitos que vieram apenas olhar, tem gente sorrindo e a chorar. E assim, os retornos e partidas dos migrantes são apenas dois lados de uma mesma viagem em que à hora de encontros pode ser também um momento de despedidas. Assim, a canção chega a sua última estrofe e se despede destacando que “a plataforma desta estação é a vida desse meu lugar”!

Mediante as reflexões realizadas a partir da canção “Encontros e despedidas”, como pensar a sua cidade, o seu lugar e a história da migração em seu município? O que isso pode nos ajudar a compreender o momento em que vivemos, a nossa história, a história de Quixadá-CE, o nosso cotidiano, a história de nosso povo, ou até mesmo, a história da migração dos quixadaenses?

Ora, para melhor desenvolvermos essas questões é preciso que despertemos o “espírito de historiador” ou do “escafandrista” que existe dentro de nós. Um espírito questionador e curioso, o ser investigador que você é que não se limita a entender a história do seu lugar, a sua origem e ancestralidade de forma passiva, mas, se percebe enquanto sujeito histórico ativo e influente e por isso tenta compreender as relações de seu tempo em suas experiências diariamente vividas recorrendo as mais diferentes linguagens.

Conforme Selva Fonseca, quando incorporamos “diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social” (FONSECA, 2009, p. 164), mas as necessidades de re-elaborações dos conceitos de ensino aprendizagem. Aliás, “as metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula ” (FONSECA, 2009, p. 164).

Todavia, como buscar a compreensão dos deslocamentos populacionais acontecidos em sua cidade? Você já procurou dialogar com as pessoas mais velhas sobre a história de sua cidade? O que eles contam dela? Que tal dialogar com diferentes pessoas tentando compreender a história de vida delas, e posteriormente, juntar essas histórias e contribuir para a construção da história de sua cidade, de seu lugar.

Sobre História

Um dos objetivos básicos da História é compreender o tempo vivido de outras épocas e converter o passado em ‘nossos tempos’. A história propõe-se reconstruir os tempos distantes da experiência do presente e assim transformá-los em tempos familiares para nós. (BITTENCOURT, 2004, p. 204.)

Aliás, falando sobre a importância de se compreender a história da sua cidade, de seu lugar e das pessoas que nela vivem o que você sabe da sua história? Que tal buscar compreender a sua história, a história da sua família, as histórias de amores de seus pais, avós quando jovens? Quais os lugares que conheceram e o que aprenderam nesses lugares? Já teve curiosidade de se informar sobre as origens de seus pais e de sua família?

Você sabia que eles podem ser migrantes e terem andado por vários lugares, conhecido pessoas de todas as partes do país como paulistas, pernambucanos, soteropolitanos, mineiros etc., e de outros lugares do mundo como portugueses, turcos, japoneses etc., e com isso vivenciado experiências de vida que vocês ainda não viveram. Que tal entender a história de nossa migração?

História da migração e de migrantes

Como quixadaenses, cearenses e brasileiros é importante que entendamos a história de nossa sociedade, a história de nosso povo, não apenas aquelas histórias dos grandes políticos, de famílias poderosas, mas da população de maneira geral, ou seja, do nosso modo de viver e pensar. É interessante procurarmos também compreender, por exemplo, quais os fatores que contribuíram para a migração dos cidadãos de Quixadá no decorrer de sua História.

Você deve conhecer, com certeza, alguém que não mora na cidade em que nasceu. Talvez você mesmo ou alguém muito próximo, seja essa pessoa. Pois bem, quem não mora no lugar onde nasceu é um migrante. A migração pode ser definida como o movimento da população pelo espaço. Seus significados e suas motivações variam tanto no tempo como no espaço. (SANTOS, 1994. p. 8.)

Aliás, quando conversamos com o Sr. Antônio Jorge, entrevista realizada em 2005 no Distrito de Custódio, Quixadá-Ce, ele falou sobre os motivos que o teriam levado para São Paulo no ano de 1976, mas sobre essa história deixemos que ele mesmo possa nos contar:

Geralmente a gente tinha aquela expectativa de ter que trabalhar e ter como fazer um pé-de-meia, construir, sempre na expectativa de um dia voltar para continuar vindo sempre no nordeste, porque a terra é a natal, é a da gente.

Sabemos que a memória, inclusive a do migrante, é construída sobre o passado, mas, que constantemente se sujeita a atualizações e renovações no tempo presente (DELGADO, 2006, p. 9); e, considerando ainda o que salienta Durval Muniz, o “eu” desse ser nômade emerge em sua memória como:

Reminiscências feitas de breves iluminações, de fragmentos deste passado, com as quais ele tenta remontar o roteiro de sua vida, de sua memória. A edição de seu passado requer, agora, a perda de muitas das tomadas e das imagens que antes foram vividas e fundamentaram a construção de sua ‘identidade’ (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 247).

Ou seja, não podemos pensar o relato do migrante como possível de dar conta sobre o passado exatamente como ele aconteceu, mas, devemos considerar que estamos trabalhando com reminiscências atualizadas no presente, marcada por vivências do passado e que hoje no

ato de recordar um pretérito, de editar a história do migrante, sua memória re-constitui a identidade do entrevistado. Diante tais reflexões é preciso mesmo pensar as pistas, os indícios das vidas, sobre as experiências dos sujeitos migrantes, como possibilidade de revelar versões de suas histórias e não como portadora de verdades absolutas. Até por que, ao estudarmos a história da migração, entendemos que existe e é acessada uma “memória social” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 41) que compreende as expressões de experiências coletivas vivenciadas pelos indivíduos entrevistados.

Assim, quando o Sr. Antônio Jorge pontua que fora para São Paulo com a expectativa de trabalhar ele provavelmente acessou uma memória social sobre a capital paulista como lugar do trabalho³, um lugar que conforme é representado na canção: “crescem flores de concreto/ céu aberto ninguém vê/ Em Brasília é veraneio/ No Rio é banho de mar/ O país todo de férias/ E aqui é só trabalhar” (Tom Zé, 1968).

Não apenas em canções nos aniversários da cidade de São Paulo é comum exaltarem a capital bandeirante como um lugar do trabalho, mas, foi possível encontrarmos nas falas dos próprios migrantes quixadaenses, contemporâneos do Sr. Antônio Jorge, esse tipo de memória social da migração para a capital paulista. E ainda encontramos manuais ensinando a escrever cartas, constando orientações para a escrita de 140 modelos de composições que circulou na década de 1970, e, um desses modelos traz o tema “indústria brasileira” que parece contribuir para a construção de tais imagens sobre a capital bandeirante, onde, conforme o manual:

São Paulo ativa-se cada vez mais. Fábricas e usinas que não invejam as melhores do mundo. A capital bandeirante é uma verdadeira colmeia onde a indústria tem lugar de relêvo. O Brasil caminha para um futuro majestoso graças à atividade de suas indústrias. Não só o governo, como particulares, todos trabalham febrilmente para a grandeza de uma nação (BARBOSA, 1970, p. 140.)

Vejamos o que tem em comum a fala do Sr. Antônio Jorge, a canção “São, São Paulo” de Tom Zé e o modelo de carta supracitado extraído de um livro editado nos anos 1970. Todas essas fontes compõem uma imagem sobre a capital bandeirante representada como um lugar onde “todos trabalham febrilmente”, uma espécie de verdadeira colméia. É possível ser essa a imagem editada pelos migrantes quixadaenses ao recordarem suas idas, suas vidas em São Paulo.

³ Para um estudo detalhado sobre a identidade da capital paulista como um lugar do trabalho, conferir: MATOS, 2007, p. 62.

Mas, depois dessa primeira análise da fala do Sr. Antonio Jorge, que fora comparada com outras evidências, como canções e um manual de correspondências dos anos 1970, será mesmo que antes de migrar ele pensava em ir trabalhar? O que as memórias dos migrantes podem nos revelar? O que as realidades representadas nas fontes que utilizamos se assemelha ou se diferenciam das de sua cidade? A propósito, ela é composta por fábricas e as pessoas pensam febrilmente em trabalhar? Quais as relações de trabalho mais comum em sua localidade? Conversem com seus conterrâneos sobre as referidas questões e investiguem sobre suas realidades e os sujeitos que a compõem, escutando suas recordações para pinçar histórias, através da compreensão diversa das memórias, que podem ser expressas, inclusive, em canções!

Segundo Selva Fonseca: “as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica” (FONSECA, 2009, p.164). Assim, ao investigarmos a nossa temática: história, cidade e migração, através de diferentes linguagens, podemos acessar universos sociais constituídos historicamente que podem gerar tanto sentimentos de pertencimento ou distinção com os mais variados grupos e sujeitos, assim como, a compreensão diversa de relações de trabalho situadas no tempo e espaço.

Conforme o Sr. Cláudio Laurentino que emigrou de Quixadá em 1987, justamente no fim de um período que costuma ser denominado como “a década perdida” (CALDEIRA, 2000, p. 45), ele recordou que: “com o tempo eu fui vendo que o trabalho é uma das coisas que o paulista tem em mente, o pessoal de São Paulo é trabalhar, trabalhar”, diferentemente da concepção de trabalho que ele tinha em Quixadá antes de emigrar, pois, completou dizendo: “aqui já era mais em termo de uma farrinha, ficar ali, ficar a vontade, meu caso aqui antes”. O Sr. Cláudio Laurentino ainda explicou que em sua juventude ele ouvia muito nas propagandas anunciada pela tevê que São Paulo era uma megalópole onde você conseguia trabalho. Na mesma década em que ele emigrou, uma entrevista realizada por Célia Sakurai, com uma moradora de São Paulo, do bairro Jardim Peri-Peri, é salientado algo diferente do que seduzia o Sr. Cláudio Laurentino a partir para a capital paulista; diz-se o seguinte:

Eu acho que o pessoal do Nordeste, eles vivem numa condição, do norte e do nordeste... Ah, numa condição, assim, horrível de vida, horrível (...) Já essa maldita propaganda que eles fazem na televisão e levam pra lá, essa imagem vai pra eles: ‘olha, pessoal que vai pra São Paulo fica rico’. Então, o que que eles fazem? Eles pegam toda família, vendem o pouco que eles tem lá, e vêm pra cá. (CALDEIRA, 2000, p. 91)

Nesse mesmo ano, uma senhora, moradora paulista, entrevistada por Teresa Caldeira ressaltou que: “eles deveriam receber mais apoio do governo. Eles empestaram tudo, deveria voltar tudo pra lá. O governo deveria dar casas pra eles lá no nordeste pra eles não precisarem vir pra cá...” (CALDEIRA, 2000, p. 29). Ela ainda ratificou:

Os moradores da Moóca estão tristes por causa da falta de segurança. Não é só a Moóca, é São Paulo toda. (...) [E quanto ao que deveria ser feito...] Teria solução. Teria de partir do governo. O governo deveria dá assistência pra pobreza. O bairro tornou-se feio com os cortiços. E pobre é pobre... O governo devia fechar a exportação, terminar essa vinda de pessoal do norte (CALDEIRA, 2000, p. 30-31).

As falas supracitadas denotam um tom de conflito, um conjunto de falas estereotipadas sobre o nordestino que, possivelmente, também marcou as vivências dos migrantes quixadaenses na capital paulista. Então, baseado nessas reflexões que tal pensarmos em sala de aula e debatermos sobre os mais diferentes tipos de preconceitos em nossa comunidade? Inclusive, o que os migrantes de sua cidade falam das experiências vividas longe da terra natal?

O Sr. Antônio Jorge ao recordar suas vivências em uma megalópole paulista nos anos 1970 afirmou que: “cidade grande ninguém é de ninguém, você procura fazer amizades, não é que nem aqui, faz porque enfim, tem os conterrâneos da gente que sempre apóia a gente, a gente se encontra, mas, que lá ninguém é de ninguém”.

A fala do entrevistado nos faz lembrar a poesia “Destino de cigarra”, do livro *Planta da Pedra*, de Ilka Maia⁴:

Talvez, companheiro do acaso que vais a meu lado...
Nem ouves, decerto,
O sonoro compasso
Que há no teu passo
Cantando aqui perto,
No meio de um coro de passos de gente que passa
E que passa!...
Nem ouves teu passo no passo da massa!...

Eu, sim ! Bem percebo a cidade andando...

⁴ Ilka de Freitas Maia, nascida em São Paulo, Capital, em 27 de abril de 1906. Faleceu no dia 29 de julho de 1988, no município de Bananal, (SP). Formada em Psicologia pela Escola Álvares Penteado, no Largo São Francisco, em São Paulo. Escreveu o livro: *Planta da Pedra* (1954) em homenagem a São Paulo, por ocasião do Quarto centenário. Deixou ainda, centenas de poesias inéditas para serem publicadas. Além de “*Planta da Pedra*” escreveu “*Alvoradas*” - em 1924; “*Areia na Alma*” em 1954 e “*A grande jornada*” de 1978. Disponível em: <http://www.musicasantigas.mus.br/bio_ilka.html>. Acesso em: 15 de maio, 2011.

E o meu passo miúdo, na pedra cantando...
A cidade caminha de botas gigantes!...
O meu passo vai indo e vai indo, de contrabando,
Por entre as passadas dos pés bandeirantes!...

Como em um exercício de imaginação, em um primeiro instante, vemos o Sr. Antônio Jorge em uma cidade onde ninguém é de ninguém, onde ele procura fazer amizade, mas como, se desorientado sente devereas dificuldade. Já Ilka Maia, traz, em um segundo momento desta trama, um outro protagonista citadino, um observador, que podia bem está no meio da multidão e ao lado de um migrante quixadaense, um potencial companheiro do acaso que anda lado a lado e não ouves por certo a sonoridade do compassar que há no passar dos andantes que caminham bem próximos.

Tais tipos de linguagens nos ajudam perceber facetas de relações cidadinas ou migratórias do universo das sensibilidades que muitas vezes escapam aos frígidos dados estatísticos. Uma linguagem que pode despertar no educando criatividade como a percepção da realidade na sonoridade dos passos, nos compassos, bem de perto, no constante, instigante, insistente, repetir das palavras!

Mas, depois do exposto, poderíamos entender a cidade grande como um lugar onde ninguém é de ninguém?

Vejamos o que o Sr. Nazareno Firmino, que emigrou de Quixadá em 1994, tem a nos falar:

Lá tem gente boa. A gente fala assim, mas, tem gente muito boa. Quando você começa a conhecer. Por exemplo: se você andar num canto todo o dia e todo dia você vê aquela pessoa e, logo você vai tá tendo amizade. ‘Você trabalha em algum canto?’ ‘Trabalho’. ‘Eu também.’ Então é assim, você pega um trem junto, pega um ônibus, aí faz a amizade... Continuando, ele já tem um amigo, você já faz amizade com ele e com o amigo dele.

Comparar falas e representações nos ajuda a compreender histórias vividas em suas múltiplas versões, evitando cairmos em construções estereotipadas e preconceituosas sobre sujeitos, assim como, a evitar constituições de generalizações. Assim, o debate sobre a temática da migração se faz necessário, inclusive, na medida em que possibilita discutirmos temas transversais como, por exemplo, o da “pluralidade cultural” orientado desde meados dos anos 1990 através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Vale dizer ainda que, estudar experiências de migrações e recordações, principalmente, como expressão de experiências coletivas, compreendendo também, que isso contribuiu para compor as lembranças dos entrevistados no presente, torna-se relevante para detectarmos que essas memórias não são dados em si, mas, re-significações de um outrora constantemente atualizado no presente.

Contudo, pensamos também: o que pode ter acontecido naqueles anos de 1970 em Quixadá que contribuiu ainda para levar, por exemplo, o Sr. Antônio Jorge para São Paulo?

Segundo evidencia Manoel Alves, ao estudar sobre Quixadá na década de 1970, um fator significativo acontecido na época foi que,

A população da ‘terra dos monólitos’ a partir da década de 70, passa por uma diminuição, cuja razão merece uma atenção especial. A redivisão do espaço sócio-político-administrativo do município, aliada as secas e as crises econômicas, justificam parcialmente esse fenômeno (SOUSA, 1997. p. 85).

Obviamente, não podemos afirmar a saída dos quixadaenses entrevistados por nós, que migraram no trajeto Quixadá - São Paulo entre os anos de 1973-2001, tenha se dado em virtude das secas e crises econômicas; até porque, apesar deles falarem de busca por trabalho ao nos concederem entrevistas no presente, no passado através da análise das correspondências eles sequer mencionam fatores dessa ordem econômico-social. Porém, tais informações aguçam nossa percepção mediante as configurações de realidades sobre os quixadaense dos anos 1970.

Nessa década, o irmão do Sr. Antônio Jorge, o Sr. Américo Soares, viajou pela primeira vez a São Paulo. Ele emigrou em 1977 e retornou a terra natal em 1992, e é um dos entrevistados que falou, em março de 2005, do “objetivo de ganhar dinheiro muito” com a emigração, porém, as cartas encontradas sobre a época que antecede sua partida para São Paulo apontam outras evidências de uma migração.

São Paulo. Dezenove de junho do ano 1977: “Querido mano Americo hoje novamente o destino me obriga a pega na minha pobre caneta para resposta a sua cartinha”⁵; assim o Sr. Antônio Jorge iniciava a missiva em resposta ao seu irmão mais novo, Sr. Américo Soares. Este, a época se encontrava no distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-Ce.

⁵ Trecho de uma carta doada para nossa pesquisa por D. Oscarina Soares, carta essa que foi enviada de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 19 de junho 1977.

O Sr. Antônio Jorge, que emigrou em 1976, falava para o seu irmão mais novo, através da missiva, que ter recebido sua carta o deixava “um pouco contente” e que até aquele dia dezenove de junho só tinha recebido notícias suas pelos escritos de outras pessoas. Avisava também, que não estava com saúde e ainda estava se adaptando com o clima frio de São Paulo, mas, que vivia “trabalhando todos os dias”.

Dizer que ficou um pouco contente em receber a carta do Sr. Américo Soares, e seguir afirmando que trabalhava rotineiramente, ainda que com a saúde debilitada, parece apontar um pouco do teor da missiva do Sr. Antônio Jorge, que aparentemente tinha ficado descontente com as informações que recebera no primeiro semestre de 1976. O missivista prosseguiu:

Sim mano você manda pergunta se eu já esqueci de você? Que é qui e isso! Eu quando sai daí não falei que mandava dinheiro mais só depois de julho depois q ajudase ao papai colher a safra, rapais você não ajuda o papai que é qui e isso A turma diz que você só trabalha de manhã até ao meio dia, porra ajuda o papai você não via quando nós trabalha junto de manhã e de tarde. (Carta datada de 19 jun. 1977)

Era um tempo que se aproximava a colheita da safra no lugarejo em que vivia o Sr. Américo Soares e, pelo fragmento da correspondência, o Sr. Antônio Jorge entendia que o irmão poderia se empenhar mais no trabalho de agricultor, não apenas meio expediente. Conforme o missivista exaltado, a atividade no campo que incluía a colheita e cultivo da terra, era um papel que o Sr. Américo deveria assumir; inclusive, pautando-se nos próprios modelos da família num passado recente, o Sr. Antônio Jorge destacou que, antes de emigrar ajudava seu pai pela manhã e tarde na agricultura, e chamou a atenção de seu irmão: “porra ajuda o papai você não via”, ressalta o remetente sobre as práticas que ele assumira outrora juntamente com seu pai.

As atividades de um agricultor aparecem na correspondência como obrigação do filho que não tinha emigrado, logo este que, ao conceder-nos entrevista em março de 2005, nada relatou sobre esse seu ofício. E do ano de 1977, naquele dezenove de junho, o Sr. Antônio Jorge ainda diria:

Sim Americo se você quiser conheser aqui mande dizer que em agosto eu mando o dinheiro para você sim se você quiser vim ta certo eu tenho o maio prazer mas vou avizando aqui não é bom não como era, você é quem sabe (...) quando o Lazero chega aí em cas converse com ele. êle vai lhe esplica como é aqui Americo (Carta datada de 19 jun. 1977)

Se no distrito de Custódio o mês de julho seria o período de colheita, o tempo vivido pelo Sr. Antônio Jorge em São Paulo, é representado através da correspondência como um tempo “que não é bom como era (...) aqui está muito perigozo” (Carta datada de 19 jun. 1977).

Através das correspondências, além de serem mantidos contatos com familiares, são fornecidos “elementos que determinam as escolhas de quem ainda deve pensar em partir ou já está a ponto de fazê-lo” (CROCI, 2008, p. 30). E o que nos chega sobre esses elementos desse passado do Sr. Américo Soares, anterior a sua emigração, é que apesar de ser informado a respeito da violência crescente na cidade grande, ele já pensava em conhecer São Paulo: “se você quiser vim ta certo”, ressalta seu irmão em 1977.

Agora, sabendo que na década de 1970 alguns quixadaenses emigraram para São Paulo, e que é possível explorar aspectos do passado do dia-a-dia desses sujeitos que seriam “intangíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes” (BATISTA, 2006, p. 22), fica mais fácil construir um enredo verossímil sobre a história desses quixadaenses.

Aliás, você já procurou saber se seus familiares guardam correspondências antigas? O que será que elas portam da juventude deles? Você já teve a curiosidade de conversar com esses migrantes em sua cidade buscando compreender os motivos que os levaram a migrar para outros lugares? E mais, por que resolveram retornar? O que mudou em suas vidas? Como eles vêm suas cidades ao retornarem de outros lugares? Essa é uma tarefa que nós professores de história podemos levar para sala de aula e discutirmos, pensando os mais variados sujeitos, suas trajetórias e dinâmicas vivenciadas, suas experiências individuais e expressões de vivências coletivas que os atravessam. Refletindo, inclusive, sobre os seus lugares sociais, suas posições historicamente constituídas e reivindicadas, pensando de onde partem seus discursos cheios de sentidos possíveis, jamais neutro, sem graça, desinteressante e sem partido!

Considerações finais

O fato é que ao trabalharmos com diferentes representações, recorrendo a canções, entrevistas, manuais e poesias, para tratarmos nossa temática, torna-se possível compreendermos sensibilidades, ou seja, “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si próprios e ao mundo” (PESAVENTO, 2008, p. 14), traduzindo realidades por

meio das emoções e sentidos expressos nas linguagens; formas de expressões estas que “são constitutivas da memória social” (FONSECA, 2009, p. 164). O estudo ainda, ao perceber tensões, emoções, contradições e múltiplas facetas de migração nos ajudar a compreender, para além de um deslocamento de pessoas, um transitar de valores, de maneiras de pensar e perceber o mundo que os migrantes carregam consigo em suas andanças na estrada da vida. Os sentidos dessas experiências diversas, construídas historicamente, podem ajudar os educandos a perceberem e formarem sentimentos de pertencimentos a grupos e sujeitos, bem como levá-los a buscar garantias de respeito à diversidade, questão tão cara aos dias atuais, que conforme as orientações nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) bem pode ser uma marca cultural de nosso país.

As reflexões sobre nosso objeto de estudo podem despertar sentimentos múltiplos, trabalhados através “de adaptações que integrem as diferentes dimensões da prática educacional” (BONAMINO; MARTINEZ, 2002, p. 381) por meio, por exemplo, do uso de múltiplas linguagens em sala de aula.

Ora, que tal continuarmos nossas pesquisas sobre migração envolvendo o estudo sobre nossas cidades?

— “Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação a memória”. (CALVINO, 1990, p. 19-20).

É verdade!... Inclusive, quando trabalhamos com migração e a recordação de sujeitos sobre os lugares que passaram, as felicidades que tiveram, os ares que respiraram, os encontros que foram outrora estabelecidos e, por vezes, posteriormente, tiveram seus laços desatados.

— “Para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinza ou pretos-e-brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação”. (CALVINO, 1990, p. 72).

Ainda assim, embora diante de tal complexidade, vemos a beleza da riqueza dos fios que tecem as relações e contextos históricos, as relações cidadinas...

— “Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios”. (CALVINO, 1990, p. 72).

Talvez esteja aqui uma oportunidade para discutirmos: história, memória, cidade, migração, e, quem sabe, experiências de uma transposição didática. Compreendendo, inclusive, um pouco mais sobre o que está acontecendo ao nosso entorno. Assim, ao realizar essa investigação histórica compreendemos um pouco mais de nosso tempo vivido,

percebemos alguns conflitos sociais, que se dão expressivamente através de intolerâncias às diferenças sócio-culturais. A temática da migração nos faz pensar um deslocamento de sujeitos e valores, propicia também o encontro entre o velho e o novo e se isso for pensado nos espaços da cidade, eis um mundo de identificações e diferenças, de contradições efervescente, rico em significados que ao serem acessados, ouvidos, percebidos, refletidos e estudados pode conduzir a uma postura de um sujeito histórico crítico e atento com as mudanças que estão acontecendo em seu lugar.

Precisamos viver nosso tempo, precisamos construir nosso conhecimento, mudarmos nossa realidade e construirmos nossa história. Que tal começarmos agora nossa investigação? O que vocês acham de munindo-se das ideias que aqui desenvolvemos contribuirmos para a construção da história de nossa cidade? Aos professores de história de plantão, mãos a obra!

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: _____. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BARBOSA, Osmar. Indústria brasileira. In: _____. **Como escrever bem:** guia de redação com 140 modelos de composições. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, Tecnoprint, 1970.

BARROS, Vilarin Barbosa. **Nos rastros de uma migração Quixadá (CE) – São Paulo:** representações, memórias e sensibilidades (1973-2001). Fortaleza, 2011. Dissertação (Mestrado, História e Culturas). Mestrado Acadêmico em História - Universidade Estadual do Ceará.

_____. **Relatos de experiências dos quixadaenses na cidade de São Paulo:** migração e os significados do cotidiano em questão (1980-2001). Quixadá, 2008. Monografia de conclusão de curso (Graduação em História) – Curso de História, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – Feclesc/ Universidade Estadual do Ceará – UECE.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina.** Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo. Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez, 2004.

BONAMINO, Alícia; MARTINEZ, Sílvia Alícia. **Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:** a participação das políticas de Estado. Educ. Soc., Campinas, vol.23, n. 80, setembro de 2002, p. 368-385. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso: 18 de maio, 2011.

CALDEIRA, Teresa do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34 / Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CROCI, Federico. **O chamado das cartas:** migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. v. 14, n. 2, Juiz de Fora, Revista de História, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social.** Lisboa, Editora Teorema, 1992,

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história.** ed. 8ª. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

GABRIEL, Carmen Teresa. **Usos e abusos do conceito de transposição didática:** Considerações a partir do campo disciplinar da história. UFOP, Ouro Preto, 2002. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0509.htm>>, Acesso em: 23 maio, 2013.

MAGALHÃES, Marcelo. História e Cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). **Ensino de história:** conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

MANOEL, Ivan Aparecido. O Ensino de História no Brasil: Do Colégio Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais In: MALATIAN, Teresa; DAVID, Célia Maria. (Org.). **Pedagogia Cidadã:** Cadernos de Formação: Ensino de História. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções:** corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, São Paulo, Edusc, 2005.

_____. **A cidade, a noite e o cronista.** São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital.** São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil.** Editora scipione. São Paulo, 1994.

SOUSA, Manoel Alves de. **Entre as Alvas Plumas e o canto da coruja:** a relação da cotonicultura com a questão da educação em Quixadá (1970/1990). Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará. .

_____. A arte de ensinar: entre a deusa-mãe Mnêmesis e a deusa-filho Clío. In: SANTOS, Deribaldo; ALENCAR, Manuel C. F. de; SINDEAUX, Rebeca Baia. **Sociedade, Ciência e Sertão:** reflexões sobre educação, cultura e política. Fortaleza: EdUECE, 2010.

Recebido em: 15 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 30 de junho de 2018.